



A GLOBALIZAÇÃO DA ESPERANÇA, QUE NASCE DOS POVOS E CRESCE ENTRE OS POBRES – UMA PROPOSTA DE MUDANÇA PARA UMA ÉPOCA DE MUDANÇAS

(The globalization of hope, which is born from the people and grows among the poor – a proposed change for a time of changing)

Dimas de Macedo Filho

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

E-mail: padredimasmestrado@gmail.com

RESUMO

A sociedade está passando por uma época de mudanças significativas em todos os níveis. A Igreja que está nesse contexto histórico também vive um momento importante de mudança. A escolha recente do Cardeal Bergoglio para se tornar papa, a escolha do nome papal "Francisco", as atitudes práticas e os discursos deste Papa indicam este caminho de mudança. Esta proposta se insere no contexto de uma sociedade marcada pelo consumo desenfreado, pela idolatria ao dinheiro e, como ele mesmo afirma, por uma "globalização exclusiva" de modo especial das classes mais pobres. Por isso, propõe uma globalização da esperança que visa a superar a globalização da exclusão e do pessimismo diante dessa realidade social. Essa esperança de mudança tem os seus protagonistas principais: os humildes, pobres e excluídos. Por isso, para acentuar esta nova proposta do pontificado, tomarei como referência um discurso que Francisco fez para os movimentos sociais da Bolívia em sua visita pastoral àquele país, visto que a tônica do discurso foi marcada pela palavra "mudança".

Palavras-chave: Movimentos sociais; Mudança; Sociedade.

ABSTRACT

The society is undergoing a period of significant changes at all levels. The Church within this historical context also is going through an important time of changing. The recent choice for Cardinal Bergoglio to become the pope, the choice of papal name "Francis", the practical attitudes and speeches of this Pope indicate this path of changing. This proposal is in the context of a society marked by unbridled consumerism, the idolatry of money and, as he says, for an "exclusive globalization," especially of the poorer classes. Therefore, he proposes a globalization of hope that aims to overcome the globalization of exclusion and pessimism on this social reality. This hope for changing has its main protagonists: the humble, the poor and the excluded. Therefore, to accentuate this new proposal of his pontificate, there will be taken as a reference a speech that Francis made to the social movements of Bolivia in his pastoral visit to that country, as the keynote speech was marked by the word "change".

Keywords: Social movements; Change; Society.

INTRODUÇÃO

Este artigo se insere no contexto de reflexão acerca das preocupações com o rumo da sociedade atual, marcada pelo regime capitalista e por sua prática idolátrica ao lucro que



exclui, degrada, mata e que, por isso, é um "sistema insuportável". Para estas minhas preocupações, veio ao encontro o discurso do Papa Francisco aos movimentos sociais na Bolívia. Ele propõe aos movimentos sociais uma busca por mudanças desde as bases para um novo mundo possível, liberto da escravidão do dinheiro. Estes novos protagonistas são a grande esperança de um mundo alternativo e melhor. O trabalho foi organizado em três partes. A primeira apresenta o cenário geral do sistema capitalista e as contradições deste sistema. Depois reflete sobre três sugestões que o papa ofereceu e que podem contribuir para essa mudança, e que eu gostaria de seguir no meu texto: 1) A primeira tarefa é pôr a economia a serviço dos povos; 2) A segunda tarefa é unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça; 3) A terceira tarefa é defender a mãe terra. A partir dessas reflexões, este trabalho visa também a incentivar atitudes práticas de mudanças em todos os níveis da sociedade. E, por fim, apresenta os protagonistas dessas mudanças: os movimentos sociais, os pobres.

1 - O COMPLEXO CENÁRIO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

O Papa Francisco em seu discurso aos movimentos sociais da Bolívia chamou o capitalismo de "sistema insuportável". Quais as razões que o tornam insuportável? Para responder a esta pergunta se faz necessário refletir sobre os aspectos principais desse sistema. O capitalismo tem como principal característica defender os bens privados, a liberdade absoluta de comércio e indústria com o intuito de obter sempre mais lucros¹, e a interferência mínima do estado. Este, na verdade, deve servir aos interesses do sistema, ou seja, subsidiar a iniciativa privada.² Dessa forma, todo o governo que se colocar contra esta lógica é considerado antidemocrático. Isso acontece porque, para o capitalismo, o "lucro é a essência da democracia".³

Os grandes empresários são os senhores da economia privada, em geral empresas gigantescas que controlam a maior parte da economia internacional e têm meios de ditar a formulação de políticas e a estruturação do pensamento e da opinião pública. Em outras palavras, os grandes conglomerados empresariais ditam as normas do mercado. São eles que controlam todas as esferas da sociedade e tem como um único objetivo beneficiar-se a si mesmos, lucrar. Com isso, a maioria da população fica à mercê desses grupos que acumulam grandes quantidades de dinheiro para si, enquanto ela fica com uma pequena fatia. Essa divisão desigual dos bens de consumo é uma das principais chagas da sociedade hoje. A doutrina social da Igreja, embora defenda a iniciativa privada, prevê que ela produza riqueza para toda a sociedade e não somente para os proprietários. E que o lucro não esteja acima da dignidade das pessoas

¹ CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p.7 Este autor afirma que este sistema consiste em um conjunto de políticas e processos que permitem a um número relativamente pequeno de interesses particulares controlar a maior parte possível da vida social com o objetivo de maximizar seus benefícios individuais.

² *Ibidem*. p.14. Os governos são peças-chave no sistema capitalista moderno. Eles subsidiam prodigamente as grandes empresas e trabalham para promover os interesses empresariais em numerosas frentes. O regozijo dessas mesmas empresas com a ideologia neoliberal é, geralmente, pura hipocrisia, querem e esperam que os governos canalizem para elas o dinheiro dos impostos, que lhes proteja dos concorrentes, mas querem também que não lhes apliquem impostos e que nada façam em benefício de interesses não-empresariais, especialmente dos pobres e da classe trabalhadora.

³ FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. Trad. de Luciana Carli. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.



que estão envolvidas no processo. Por isso, a doutrina social da igreja propõe uma determinada moral associada à tarefa econômica.⁴

No entanto, na prática o que se vê é uma realidade bem diferente. O capitalismo cada vez mais está gerando injustiças desde suas bases mais fundamentais. Os lucros estão cada vez maiores para as grandes corporações, enquanto as populações sofrem com as constantes crises financeiras. Observamos populações inteiras que foram ao longo da história exploradas nas suas riquezas naturais e humanas e que hoje vivem na pura miséria. Os países ricos que lucraram e enriqueceram com a exploração de matéria-prima e mão-de-obra barata, se colocam hoje como financiadores de ajuda monetária internacional, o que acaba por endividar mais ainda esses países pobres. Na verdade, quem deve para esses países pobres são os países ricos, as grandes empresas, que os exploraram a vida inteira. Os países pobres não têm nenhuma dívida a pagar aos países ricos. Muitas instituições pedem hoje o perdão das dívidas dos países mais pobres. Mas, afinal, eles devem ser perdoados pelo quê? Por terem sido explorados?

Essa sociedade capitalista produz muito e partilha pouco. O seu fundamento é o egoísmo. Valor este contrário aos valores evangélicos. Não é à toa que existem tantas pessoas sem acesso às coisas fundamentais para a vida, tais como alimento, água, moradia. Este é o paradoxo da sociedade atual. Se, por um lado, muitos não têm esses meios, por outro, os capitalistas têm de sobra, têm coisas desnecessárias, acumulações. Esta reprodução das desigualdades é um atentado à humanidade. O papa tem razão: este é um "regime insuportável". Leonardo Boff radicaliza essa crítica e afirma em uma entrevista que "dentro do sistema capitalista, não há salvação". Isso porque "esse sistema não é bom para a humanidade, não é bom para a ecologia e pode levar eventualmente a uma crise ecológica social com consequências inimagináveis, em que milhões de pessoas poderão morrer por falta de acesso à água e alimentação".

A partir dessa constatação de Boff, como não falar da exploração da natureza realizada pelas grandes empresas? Elas degradam cada vez mais em vista de sua ganância pela produção (e quase sempre de coisas supérfluas). Elas criam verdadeiros mecanismos de necessidades desnecessárias na população e depois fazem de tudo para poder satisfazer essas necessidades que elas mesmas criaram.⁵ E para isso vale explorar a natureza a qualquer preço. Como não pensar nos latifundiários, que além de acumular terras e mais terras, quase sempre de maneira duvidosa, destroem grandes parques ambientais, expulsam índios e pequenos agricultores através de práticas violentas. Depois de invadir, implantam um sistema rígido de monocultura, normalmente soja e criação de gado. Os impactos para a natureza e o ser humano serão irreversíveis.

Não foi por acaso que o Papa Francisco, preocupado com a situação ambiental, escreveu recentemente uma Carta Encíclica *Laudato'si* sobre o cuidado da casa comum. Nela, o Papa convida todos para uma "conversão ecológica". Esta envolve todas as pessoas, não só os

⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO "JUSTIÇA E PAZ". *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2008.

⁵ CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem global*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p.15. A mídia empresarial, a indústria da relações públicas, os ideólogos acadêmicos e a cultura intelectual em geral jogam o papel decisivo de fomentar as "ilusões necessárias" para que essa situação intolerável pareça racional, positiva e necessária, quando não necessariamente desejável.



cristãos. Isso porque a casa comum exige um cuidado comum. Embora todos sejam responsáveis pela casa comum, existem aqueles que têm uma responsabilidade maior. Os principais responsáveis por essa crise são aqueles que, em nome do lucro, do acúmulo, instrumentalizam a natureza, racionalizam-na e aplicam técnicas de exploração destrutivas. Novamente se considera os principais responsáveis pela crise ecológica os grandes conglomerados empresariais, portanto, os senhores do capital.⁶

O grande aliado desse regime responsável por espalhar a sua "boa notícia" são os meios de comunicação. É claro que os donos desses meios fazem parte dos grandes e poderosos capitalistas. Além de possuir o dinheiro, possuem também o instrumental de manipulação das massas. Esses meios impõem à população seus ideais, sua cultura. Quase sempre acabam por alienar as pessoas dessa realidade de injustiça e as mantêm sem ação, na passividade. Invadem a mente das pessoas e roubam a sua possibilidade de reflexão, de questionamento, porque o regime não pode ser questionado. Matam as culturas locais em nome dos grandes valores da sociedade capitalista, que para eles são sempre superiores. Qualquer instituição que se coloca contrária ou de modo crítico a eles, são vistos como revolucionários e, portanto, precisam ser combatidos, pois querem acabar com a democracia "dos capitalistas".

O que o capitalismo tem gerado é uma sociedade "atomizada", sem compromisso, desmoralizada e socialmente impotente. Um sistema vibrante necessita de diversidade de grupos comunitários, bibliotecas, escolas públicas, associações diversas, cooperativas, locais para reunir a comunidade para o debate, sindicatos e interação entre as pessoas. Porém, o que se vê é o contrário de tudo isso. A sociedade capitalista, em vez de cidadãos, produz consumidores; em vez de comunidades, produz *shopping centers*. E o que se vê é uma massa cada vez mais formatada ao sistema.

Estes foram alguns apontamentos dessa sociedade marcada pelo consumo desenfreado, pela exclusão de toda espécie, pela alienação das pessoas. Esse regime é, repito com as mesmas palavras do papa, "insuportável". Por isso precisamos de mudança e o papa Francisco nos propõe em seu discurso algumas delas.

2 - A NECESSIDADE DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS COMO PROPOSTA ALTERNATIVA AO SISTEMA CAPITALISTA

O Papa Francisco, em determinado momento de seu discurso, exclama "que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda terra". E, para ele, esse clamor é um clamor por mudanças. Essa palavra vai se repetir muitas vezes em seu discurso. Contudo, por que a busca por mudanças? O Papa reconhece, como todos reconhecemos, que as coisas não andam bem na sociedade. Isso porque um olhar atento faz perceber tantas contradições que ferem os direitos do ser humano. E o principal responsável por essa situação é o sistema capitalista, como foi apresentado no item anterior. E por isso ele pede insistentemente que é "preciso uma mudança real de estruturas", porque este sistema atual é insuportável.

Existe a necessidade de se dar uma resposta a tal situação. Não há como ficar indiferente a ela. É necessário sair do pessimismo que se impõe como se nada pudesse ser diferente. O

⁶ PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato'si*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola; Paulus, 2015.



Papa afirma que "ao ver a crônica negra de cada dia, pensamos que não haja nada que se possa fazer para além de cuidar de nós mesmos". Ele se refere a uma ideia própria do mundo capitalista, o individualismo, o interesse privado. Diante disso, ele fala que muitos esperam uma mudança que os liberte desta tristeza individualista que escraviza. Talvez por pensar que não haja "outro mundo possível" as pessoas se mantêm anuladas na sua contestação. Seria o capitalismo, de fato, o fim da história? É necessário levantar a voz profética, como fizeram os profetas antigos quando perceberam que as coisas não estavam bem na religião e na sociedade, com as idolatrias que se multiplicavam no seu tempo. Hoje o grande ídolo é o dinheiro. E para combater esse ídolo precisamos de vozes que proponham um novo modelo de sociedade, centrado mais na pessoa que no lucro.

Nenhum sistema político-econômico, nenhum "império", é eterno, embora possam achar que sejam. Se perguntássemos para os antigos impérios (Alexandre, o romano, a própria Igreja na idade que dominou, etc), para os antigos regimes dominantes quando estavam em seu auge, se vislumbravam a possibilidade de um fim, com certeza dariam risada da cara de quem perguntasse. Quando se está no auge do poder, não se vislumbra possibilidade de mudança. No entanto, a história mostrou que todos os regimes que se achavam eternos caíram. O capitalismo, nas bases em que está fundamentado, também encontrará seu ocaso. Que tipo de sociedade teremos não se sabe. Contudo, o certo é que necessitamos de um modo alternativo de gerir a sociedade.

Deve-se, por isso, buscar propostas alternativas ao capitalismo. Isso não significa que tudo deva ser jogado fora, pois junto com esse sistema, vieram muitos avanços que também contribuíram para a melhora da qualidade de vida, principalmente através das novas tecnologias. As mudanças devem ocorrer naquelas áreas em que o sistema é falho, principalmente na exploração excessiva da natureza para a produção de bens de consumo, na imposição de consumo de coisas desnecessárias, na má distribuição dos recursos necessários à vida, na alienação das massas que são distraídas para não questionar. Para isso, é preciso conscientização, pois a mudança passa por esse caminho. Primeiro ajudar as pessoas a perceber a perversidade desse sistema, ou seja, sua ideologia, e depois, com elas, buscar alternativas que possam equilibrar a questão da necessidade real da pessoa e a correta produção de bens para atender a essas necessidades e, conseqüentemente, a equidade dos lucros.

O papa Francisco propõe três aspectos para uma adequada mudança como um caminho alternativo ao sistema. A primeira tarefa é pela economia a serviço dos povos, princípio já defendido por papas anteriores. Hoje as pessoas são colocadas a serviço do capital, do dinheiro. Elas são instrumentalizadas. Percebe-se na realidade, no entanto, que a economia gera exclusão e desigualdade. Esse tipo de economia mata. Ela é colocada a serviço dos ricos, que acumulam para si cada vez mais quantidades de dinheiro. Como já nos referimos acima, ela serve aos senhores do capital.

Vale lembrar que essas riquezas construídas foram a base da exploração tanto dos mais pobres como dos recursos da natureza. No entanto, na hora da distribuição, as minorias mais pobres ficam com um valor ínfimo. Economia verdadeiramente cristã é uma economia comunitária, que "garante aos povos dignidade, prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos". Os bens produzidos devem servir a uma adequada distribuição, não para a acumulação. Gera escândalo em todos quando vemos grandes quantidades de alimentos sendo jogadas fora todos



os dias porque não foram consumidas (ou seja compradas), enquanto milhões de pessoas não têm acesso ao mínimo necessário.

O Papa destaca que o destino dos bens deve ser universal, sendo que essa verdade antecede o próprio conceito de propriedade privada. A propriedade não deveria ser colocada somente a serviço da produção, sempre mais em grande escala. Deveria, ao contrário, atender às reais necessidades das pessoas no seu usufruto comum. Por isso o Papa insiste com os governos para que coloquem a economia a serviço das pessoas e que desenvolvam a economia popular e a produção comunitária. A ética da solidariedade deve suplantar a ética egoísta dos grandes capitalistas. Normalmente, hoje em dia, os pequenos produtores, sejam os produtores rurais, sejam as pequenas indústrias, são engolidas pelos grandes monopólios.

A segunda tarefa proposta pelo papa é unir os nossos povos no caminho da paz e da justiça. Não pode haver paz quando um povo não tem direito de ser artífice de seu próprio caminho e desenvolvimento. As interferências às soberanias de um país são verdadeiro atentado contra a paz e a justiça. Normalmente os países mais pobres são os que mais sofrem com essa interferência dos países capitalistas ricos. O pressuposto para a paz é quando um país goza de totais direitos de independências. Normalmente os conflitos a que assistimos são gerados pela tentativa de resistência de alguns países pobres contra a invasão e domínio dos países mais ricos, que querem dominar e controlar seus recursos a todo custo. O que se quer é que os países mais pobres não se desenvolvam e se tornem concorrentes dos mais ricos.

Para isso, o conceito de soberania nacional, de "pátria" precisa ser resgatado. É essa consciência que mantém as pessoas unidas. O papa alerta para o novo tipo de colonialismo que quase sempre é invisível. Age quase sempre sem que se saiba o que está acontecendo nas entrelinhas. Sem falar no grande ídolo, o dinheiro, que impõe aos países pobres verdadeira medida de austeridade, que sempre atinge as classes mais pobres. Os tratados envolvendo certos países (G8 G20, entre outros) quase sempre existem para favorecer os mais ricos impondo aos países pobres verdadeiras sobrecargas. Este pequeno grupo que define as normas do mercado, que o regula, são os novos colonos. Isso é uma verdadeira injustiça que precisa ser combatida. Não pode haver paz onde não há justiça.

A terceira e última tarefa, e que para o papa é a mais importante, é a defesa da mãe-terra. Ela está sendo devastada, saqueada. Os tratados quase sempre são descumpridos. Exatamente aqueles que deveriam cumprir mais são os que mais descumprem. "Estou a falar dos países ricos, eles não estão dispostos a mudar, continuam com sua política de devastação para a produção em massa". Eles só pensam em si, no seu lucro, e no lucro desenfreado. As gerações futuras não importam, o que importa é o lucro imediato. O papa convida a todos os movimentos a lutar por medidas urgentes de proteção à casa comum. Ele convida a defender a mãe-terra contra esses destruidores. Os efeitos da destruição da natureza já se fazem sentir e se fará muito mais no futuro se não houver uma mudança urgente no comportamento. E os responsáveis por essa mudança, acredita o papa, são os movimentos sociais. A mudança só pode vir dos pobres.

Resta agora, a partir dessas considerações, reunir os grupos e com eles buscar desenvolver as possibilidades para essa mudança. As resistências se farão sentir porque aqueles que estão no poder, aqueles que lucram, não estão dispostos a perder o seu *status*. Por isso, as mudanças



precisam começar como semente a partir das bases da sociedade. É só a partir daí que se pode esperar as mudanças necessárias para um mundo mais humano, mas justo e fraterno.

3 – OS MOVIMENTOS POPULARES E OS POBRES COMO PROTAGONISTAS DE MUDANÇA

Até aqui refletimos sobre as mudanças necessárias como proposta alternativa ao atual modelo econômico. Todavia, o Papa também apresenta os protagonistas dessa mudança. Concordamos que as mudanças não podem partir dos ricos, dos capitalistas. Eles não estão dispostos a perder o seu *status quo*. Por isso, os sujeitos dessa mudança são os movimentos populares e os pobres.

A esperança brota das camadas mais pobres da sociedade. Diz o papa Francisco "vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e deveis fazer muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária de terra, trabalho e teto, e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudanças nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem".

O Papa não está necessariamente propondo uma luta de classes como o sistema marxista. Contudo, ele reconhece que existem classes antagonicamente opostas que têm interesses opostos.⁷ E ao apresentar esta dicotomia de interesses, necessariamente ele toca na questão das classes. Uma que está ideologicamente exercendo um poder dominador, os senhores do capitalismo, e outra que está nas bases desse sistema, os movimentos sociais e os pobres. É claro que a sociedade e o próprio capitalismo mudaram muito no séculos XX e XXI. Existem outras formas de organização social intermediárias a estas duas classes, contudo o problema continua o mesmo.

Na América Latina as classes populares e, mais concretamente, os pobres, sempre tiveram um lugar de destaque, ou seja, pode-se falar de uma centralidade deles. Mais particularmente, a teologia da libertação colocou no centro de suas reflexões o pobre, que para ela é o oprimido dentro de uma determinada relação social de classes, tendo o rico como o opressor. Sabe-se que esta teologia, a partir dos oprimidos como agentes de transformação, suscitou reações tanto no setor civil quanto no religioso.

É claro que isso aconteceu porque a teologia latino-americana mexeu com os poderes dominantes da sociedade. Estes, por terem nas mãos um certo poder de influência, agiram com seus mecanismos para tentar silenciar essa teologia, processo que durou por dois longos pontificados, tanto de João Paulo II como de seu sucessor, Bento XVI. A acusação é de que a teologia da libertação usava pressupostos marxistas como fundamento epistemológico de sua reflexão sistemática. No entanto, os temas da pobreza, do pobre, da libertação não são

⁷ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008. A história de toda a sociedade que existiu até o momento é a história da luta de classes. Livres e escravos, patrícios e plebeus, barões e servos da gleba, membros das corporações e aprendizes, em suma, opressores e oprimidos, estiveram continuamente em mútuo contraste e travaram luta ininterrupta, ora latente, ora aberta, luta que sempre acabou com transformação revolucionária de toda a sociedade ou com a ruína comum das classes em luta.



indiferentes à revelação. Se estes são temas da revelação, então não poderia haver esta "caça às bruxas".

Leonardo Boff, em uma reflexão em seu site sobre os 40 anos da teologia da libertação, trata dessa questão do pobre, do oprimido como agente de mudança, como sujeito. Ele apresenta três maneiras de conceber o pobre: a primeira apresenta o pobre como aquele que não tem recursos e, por isso, depende de assistencialismo, de paternalismo social. O pobre não tem autonomia, não é sujeito. A segunda interpreta o pobre como aquele que tem força de trabalho e que deve ser inserido no processo produtivo mas sem uma crítica ao sistema social que explora sua força de trabalho. E a terceira, que mais nos interessa,

Interpreta o pobre como aquele que tem força histórica, mas força para mudar o sistema de dominação por um outro mais igualitário, participativo e justo, onde o amor não seja tão difícil. Esta estratégia é libertária. Faz do pobre sujeito de sua libertação. A Teologia da Libertação, na esteira de Paulo Freire, assumiu e ajudou a formular esta estratégia. É uma solução adequada à superação da pobreza. Esse é o sentido de pobre da Teologia da Libertação. Só podemos falar de libertação quando seu sujeito principal é o próprio oprimido; os demais entram como aliados, importantes, sem dúvida, para alargar as bases da libertação. E a Teologia da Libertação surge do momento em que se faz uma reflexão crítica à luz da mensagem da revelação desta libertação histórico-social.

Seja como for, a proposta do Papa é uma mudança desde as bases. Essa proposta não é novidade na história da Igreja, como nos referimos. Na América Latina, já há muito tempo se incentiva as camadas populares ao protagonismo nas mudanças. Talvez a novidade seja ouvir essa forma do pensamento oficial da Igreja, no caso, o Papa. Se em tempos atrás esse tipo de discurso gerava uma certa suspeita, hoje está na boca da autoridade máxima da Igreja. Importante é que ele convida os movimentos, os pobres, a cultivar a "paixão por semear". "Sede semeadores de mudança" é o convite do papa. É claro que o conteúdo da semeadura não está claro nas palavras do Papa Francisco, porém, se observarmos mais atentamente seu discurso, veremos que o conteúdo da semente é a proposta alternativa ao atual sistema.

É claro que um projeto assim encontrará resistências por parte dos grandes grupos capitalistas que não querem perder o poder de suas mãos. O objetivo deles é tentar silenciar, ou melhor, ignorar estas propostas do Papa. Para isso, eles se servem sempre dos mesmos mecanismos para tentar manter a população bem alheia para a realidade que se quer propor. No entanto, Francisco chama todos à coragem de ousar, enfrentar esses profetas do pessimismo que não querem a mudança. Para eles, não há outro mundo possível; porém, para aqueles que mantêm a paixão por semear, de modo otimista, acreditam que há.

Só quem está imerso nesse mundo de desigualdades, de pobreza e dominação é capaz de entender o que isso significa e só quem as vive é capaz de lutar por mudanças. Quem oprime não quer mudar: a mudança deve partir dos oprimidos. É dessas classes que devem brotar a "resistência ativa ao sistema idólatra que exclui, degrada e mata". Essa resistência ativa significa que não queremos mais estar sob o jugo deste sistema, não queremos mais este modo de governabilidade, este modo de conduzir as coisas, que desumaniza. O que se quer é um novo modelo político-econômico de gestão dos recursos. Quem, a partir dessas considerações, ousaria chamar o papa de marxista? Normalmente, quando um teólogo afirma que é preciso que os pobres sejam agentes de mudança, os chama de marxistas.



Por fim, diz o Papa a esses novos protagonistas das mudanças, a estes agentes contestadores, a estes que buscam alternativas: "Vós sois poetas sociais". Poetas de um mundo melhor, sem exclusões, sem acúmulos desnecessários, poetas do amor pelo próximo, do amor pelas causas verdadeiramente importantes, poetas que descobrem no pobre a inspiração do seu refletir e do seu agir. Poetas transgressores da linguagem do dinheiro. Que veem as coisas para além do seu valor comercial.

Devemos ser poetas da esperança num mundo tomado pelo pessimismo diário, em que parece não haver alternativa. Devemos levar essa esperança de mudança até as periferias mais esquecidas do planeta. Essa poesia da esperança de mudanças é capaz de oxigenar o mundo, sufocado pelo dinheiro, pela cobiça, pelo egoísmo, pela morte. Profetas de um mundo novo: eis a missão dos novos protagonistas da mudança.

Termino com as palavras finais de Francisco: "É imprescindível que, a par da reivindicação dos seus legítimos direitos, os povos e as suas organizações sociais construam uma alternativa humana à globalização exclusiva. Vós sois semeadores de mudança. Que Deus vos dê coragem, alegria, perseverança e paixão para continuar a semear. Podeis ter certeza de que, mais cedo ou mais tarde, vamos ver os frutos. Peço aos dirigentes: sede criativos e nunca percais o apego às coisas próximas, porque o pai da mentira sabe usurpar palavras nobres, promover modas intelectuais e adotar posições ideológicas, mas se construídes sobre bases sólidas, sobre as necessidades reais e a experiência vivas dos nossos irmãos, dos camponeses e indígenas, dos trabalhadores excluídos e famílias marginalizadas, de certeza não vos equivocareis".

CONCLUSÃO

O importante é que cada um dos membros dos movimentos sociais e das classes mais pobres assuma o papel de protagonistas dessas mudanças. Não se deixar vencer pela ideologia que sufoca, que cala e que mata. Alimentar a esperança no coração contra todo o pessimismo. O importante é semear as mudanças nos corações e, depois, no mundo. E para terminar com as palavras do papa Francisco, "a partir destas sementes de esperança semeadas pacientemente nas periferias esquecidas do planeta, destes rebentos de ternura que lutam por subsistir na escuridão da exclusão, crescerão grandes árvores, surgirão bosques densos de esperança para oxigenar o mundo".

BIBLIOGRAFIA

BOFF, Leonardo. *Quarenta anos da Teologia da Libertação*. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao>>.

Acesso em 17 nov 2015.

CHOMSKY, Noam. *O lucro ou as pessoas? Neoliberalismo e ordem mundial*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. *Piratas e imperadores, antigos e modernos: o terrorismo internacional no mundo real*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.



FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. Trad. de Luciana Carli. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

PAPA FRANCISCO. Discurso aos movimentos populares na Bolívia. Expo-feira, 9 de Julho de 2015.

_____. *Laudato Si' Louvado seja Deus: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2015.

PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*. Trad. CNBB. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

Recebido em: 26/09/2016

Aprovado em: 28/10/2016